



NEUROAPRENDIZAGEM E A SALA DE ATENDIMENTO PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES NO PLANEJAMENTO E INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS

Amanda Vilela Straparava¹, Leticia Fleig Dal Forno²

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-Unicesumar.

²Docente, Universidade Cesumar – UNICESUMAR e pesquisadora ICETI.

RESUMO

Esta pesquisa investiga como o conceito de neuroaprendizagem é aplicado no planejamento e execução de atividades para alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). A necessidade dessa pesquisa surge da observação de falhas na formação dos professores, evidenciada pela falta de conhecimento adequado sobre AH/SD, muitas vezes confundidos com alunos que não necessitam de apoio específico. A contextualização do estudo parte da Política Nacional de Educação Especial da Educação Inclusiva, que define AH/SD como indivíduos com alto potencial em diversas áreas, e do modelo dos três anéis de Renzulli que destaca a habilidade acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. Além disso, a neuroaprendizagem, que explora como as conexões neurais influenciam o aprendizado, é fundamental para compreender as necessidades pedagógicas desses alunos. O objetivo geral é mapear a integração do conceito de neuroaprendizagem no planejamento pedagógico para alunos com AH/SD, através da perspectiva dos professores. A metodologia inclui uma abordagem qualitativa e a aplicação de entrevistas semiestruturadas com professores da rede de ensino pública e privada. As entrevistas, compostas por 10 questões, visam identificar o conhecimento dos professores sobre neuroaprendizagem e suas práticas pedagógicas. Neste esartigo são apresnetados resultados preliminares do processo das entrevistas, em que se validam as percepções das entrevistadas quanto duas questões específicas. Entende-se que a temática da neuroaprendizagem está para um contexto específico de formação continuada dos profissionais da educação, e que ainda gera uma demanda de compreensão mais ampla, aplicável no campo da educação e funcional para a anplise do que caracteriza as altas habilidades/superdotação.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades; Neuroaprendizagem; Psicologia.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) apresentam elevado potencial em áreas como intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade ou artes. Para Renzulli (2004, 2018), a identificação desses alunos envolve três características interligadas: habilidade acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. No entanto, muitos profissionais da educação ainda desconhecem essas definições e mantêm crenças equivocadas — como a de que esses alunos são autossuficientes e não necessitam de apoio especializado — o que contribui para sua invisibilização no contexto escolar.

A neuroaprendizagem, enquanto campo da neurociência, contribui para compreender como fatores fisiológicos e psicológicos se articulam no processo de aprendizagem (RATO, 2023). Aspectos como cognição, emoções, alimentação, sono e contexto sociocultural interferem diretamente na forma como o aluno aprende. Ignorar essas variáveis, especialmente no caso dos estudantes da Educação Especial, compromete a efetividade das estratégias pedagógicas.

O estudo recente de Rodrigues e Sales (2024) evidencia a fragilidade da formação docente em relação à Educação Especial, revelando que 58% dos mais de 86 mil professores avaliados relataram grande necessidade formativa sobre metodologias inclusivas. Esse dado reforça a importância de capacitar os professores para que



reconheçam as singularidades dos alunos com AH/SD, saibam identificá-los e possam planejar atividades que favoreçam o desenvolvimento de seus interesses e potenciais (LANÇA, 2014).

Nesse contexto, a incorporação da neuroaprendizagem ao planejamento pedagógico representa uma estratégia promissora, pois contribui para práticas mais intencionais e individualizadas. Essa perspectiva desconstrói mitos ainda presentes, como o de que oferecer ensino diferenciado para estudantes com AH/SD seria um privilégio injustificado (ALENCAR; FLEITH; PORTER, 2005), e reforça a importância de reconhecer suas necessidades específicas.

Diante disso, esta pesquisa tem como tema “Neuroaprendizagem e a sala de atendimento para alunos com Altas Habilidades: percepções de professores no planejamento e intervenções pedagógicas”, e tem como objetivo geral mapear como o conceito de neuroaprendizagem é considerado no planejamento e na execução de atividades voltadas a estudantes com AH/SD, a partir da experiência de professores atuantes em salas de atendimento na região Sul do Brasil.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como de natureza aplicada, com uma abordagem qualitativa por meio de objetivos exploratórios e descritivos, caracterizando como público alvo os profissionais da educação que atuam nas salas de atendimento a estudantes da rede pública e privada de ensino. Este estudo tem como objetivo geral mapear como o conceito de neuroaprendizagem está para o planejamento e execução das atividades para altas habilidades a partir dos professores que atuam em espaços de atividades para altas habilidades na região sul do Brasil; e como objetivos específicos: identificar na literatura como está associado o conceito de neuroaprendizagem e altas habilidades; compreender como são os atendimentos para as Altas Habilidades; sinalizar como o conceito de neuroaprendizagem é reconhecido pelos profissionais que atuam nos espaços Atividades de Altas Habilidades; e a concepção pedagógica nos espaços de Atividades de Altas Habilidades em relação a neuroaprendizagem.

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada uma busca em base como Scielo e Capes de estudos nacionais e internacionais que relacionam a neuroaprendizagem com as altas habilidades, para projeção e identificação de variáveis relevantes a parte da pesquisa aplicada, por meio do desenvolvimento da entrevista.

Na segunda parte da pesquisa foram convidados profissionais da educação que atuam junto a sala de atendimento a alunos com altas habilidades/ superdotação para a participação voluntária, sendo que a busca pela participação foi no processo de bola de neve, em que os profissionais foram sendo indicados. Sendo que todo o processo de coleta de dados ocorreu após a avaliação do comitê de ética e pesquisa e avaliação do instrumento de coleta de dados, com a aprovação pelo CAEE.

A parte qualitativa deste estudo embasasse em uma entrevista semiestruturada composta por dois eixos de conhecimento: a neuroaprendizagem e a psicologia da aprendizagem, para um possível mapeamento dos conhecimentos destes profissionais sobre o planejamento pedagógico e suas intervenções nas salas de atividades para as altas habilidades. A entrevista contém 10 questões e foram estruturadas para compor um roteiro semiestruturado e que oportunizar ao pesquisador reconhecer as narrativas dos professores.

A caracterização da amostra foi voltada para o tempo de experiência no atendimento para estudantes com altas habilidades; formações complementares, como a especialização em educação especial ou em altas habilidades; cursos ou capacitações complementares que realizou; e a quantidade de horas que se dedica aos atendimentos. Nenhum



profissional atuante nos atendimentos das altas habilidades será excluído, sua não participação será por decisão própria e de maneira voluntária.

Obteve-se até o período a participação de três profissionais da educação, mulheres, que atuam junto ao público das AH/SD de menos de 1 ano a 16 anos. Mesmo com a diferença de tempo em experiência, entende-se que a análise dessa mais de uma década poderia servir para evidenciar diferentes percepções sobre a neuroaprendizagem, quanto temática mais atual nos processos educacionais. As participações forma de 2 profissionais do Paraná e uma do Rio Grande do Sul, caracterizando a aregião sul do Brasil.

Os resultados e a limitação do presente estudo está quanto a um recorte das transcrição voltadas a duas questões específicas da entrevista semiestruturada e que perpetuam uma discussão direcionada a temática da neuraprendizagem, sem contar de questões voltadas a psicologia da aprendizagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados neste estudo reportam a um recorte de informações apresentadas em duas questões da entrevista semiestruturada que foram referentes a especificidade da compreensão das participantes em relação ao conceito de neuroaprendizagem. Caracteriza-se assim, quem foram as participantes desta pesquisa:

- A. 16 anos de experiência em atendimento à crianças e adolescentes com avaliação em Altas Habilidades em um município do Estado do Rio Grande do Sul. Orienta a equipe executora do projeto, atua junto aos participantes nos atendimentos, e oferta formação continuada junto a profissionais da educação que estão na educação básica. Sua participação reporta a experiência de também ser uma professora do ensino superior.
- B. Com 23 anos de experiência em atendimento a alunos da rede pública de ensino, atua junto a rede estadual de ensino do Paraná, e evidencia práticas e atividades voltadas as demandas dos frequentadores da sala de atendimento as altas habilidades. Sua participação reporta, também, a experiência de ser docente em cursos de especialização para a Educação.
- C. 8 meses de experiência em atendimento de crianças com avaliação de altas habilidades em contexto particular, possibilitando a criação de um projeto de atendimento as altas habilidades. Sua participação reporta a experiência em campo escolar, e ao fato de estar em formação no curso de psicologia.

A partir deste descritivo, identifica-se que são três participantes com perfis de atuação diferentes quanto a experiência e o foco do publico alvo, alunos da rede pública e rede privada de ensino. Esta distinção não impossibilita a análise, e sim amplia a condicionante de estudar as percepções individuais e como resposta geral. Neste sentido as questões selecionadas para o presente estudo foram: a) Como você utiliza o conceito de neuroaprendizagem no planejamento das atividades para os alunos com altas habilidades?; e b) Na sua visão, a formação inicial e continuada dos professores aborda de forma suficiente o conceito de neuroaprendizagem para a prática em salas de altas habilidades?. Entende-se que existe uma relação entre as questões não apenas pela temática, mas porque o fato de saber utilizar ou de utilizar nas estratégias e planejamento pode vir ou ser consequencia de uma formação em que a própria participante fez parte.

Na análise da resposta em caráter geral da questão a, verifica-se que as participantes tendem por destacar a necessidade de um planejamento individual, focado no tempo e ritmo do aluno, e não impondo um protocolo de atividades ou de passo a passo de momentos. A dimensão de maior complexidade no atendimento é revelada quanto a



presença da flexibilidade no discurso das profissionais, enfatizando que no trabalho com altas habilidades é preciso saber do perfil de aprendizagem de cada aluno, mesmo que o atendimento seja em grupo.

Nas narrativas individuais A. descreve que “eu entendo que cada criança, tendo a sua singularidade, ela também precisa de um planejamento individualizado, um planejamento que às vezes não é no mesmo ritmo do colega e é algo que eu acompanho junto com os professores, tanto nos planejamentos quanto nas execuções”. Verifica-se assim que ao atender os alunos é preciso traduzir um perfil docente voltado a escuta, a própria revisão do processo e a análise contínua. Rato (2023) aborda essa perspectiva quanto reporta ao planejamento de aulas que sejam voltadas a aprendizagem por perfil, e que enfatiza uma proposta de ensino personalizado.

B. descreveu que “Aqui onde eu trabalho o planejamento é individual, que se chama PAEI (Plano de Atendimento Educacional Individualizado). Cada sujeito tem suas próprias atividades que eles fazem aqui, então eu tenho que pensar na individualidade do aluno para fazer esse atendimento. Por exemplo, hoje no meu primeiro horário eu tinha 6 alunos, na qual a maioria deles são produtivos criativos e hoje eu trabalhei com eles raciocínio lógico, porque eu sei que eles precisam melhorar essa habilidade também”. Constata-se que mesmo tendo um planejamento individualizado para cada aluno, com suas especificidades e temas de interesse, o professor também precisa planejar atividades que o aluno não tem muita habilidade para justamente, trabalhar esses conhecimentos fortificando e realizando novas conexões sinápticas.

C. relata que “Expliquei que o aprendizado de sinônimos, por exemplo, se estende até o ensino médio. Talvez esse conceito tenha sido apresentado anteriormente, mas agora é que ele está sendo compreendido com mais profundidade. E eu disse para ele: “Guarde isso na sua memória, isso vai ficar na sua memória de longo prazo.” Porque a aprendizagem real acontece assim — com base nas ativações cerebrais, nas conexões certas. Por isso, acredito que tudo está interligado”. A profissional tende por enfatizar como o conhecimento na área pode servir de esclarecimento para os manejos educacionais que o aluno precisa fazer quanto, por exemplo, o currículo escolar.

Já na análise das respostas à questão b, as três participantes convergem ao apontar uma lacuna significativa na formação docente, tanto inicial quanto continuada, especialmente no que diz respeito à neuroaprendizagem e ao atendimento de alunos com Altas Habilidades/Superdotação. O reconhecimento dessa ausência, ainda presente nos discursos profissionais mesmo após anos de experiência ou formação, reforça a urgência de revisar a estrutura curricular dos cursos de licenciatura e pós-graduação voltados à Educação.

A participante A. relata: “Acredito que as demais licenciaturas ainda deixam a desejar nesse aspecto. Embora contem com disciplinas obrigatórias sobre os fundamentos da Educação Especial — como prevê a legislação atual — ainda percebemos uma carência na formação inicial quando se trata, especificamente, da área de altas habilidades. Por isso, a formação continuada acaba sendo o caminho mais viável.” A fala evidencia uma percepção crítica da estrutura curricular da formação docente, revelando que, mesmo com a obrigatoriedade da Educação Especial nos cursos, o recorte das Altas Habilidades ainda é pouco explorado. A solução encontrada por muitos profissionais, segundo A., é recorrer à formação continuada, que, embora importante, ainda depende da disponibilidade institucional e do interesse pessoal do professor.

B., por sua vez, ilustra essa lacuna com um relato pessoal sobre sua trajetória acadêmica: “Sou formada há 23 anos em Pedagogia. Quando eu fiz Pedagogia, eu não ouvi falar nada sobre altas habilidades. A única coisa que falavam era: ‘você assistiu o filme do Gênio Indomável?’, que falava sobre superdotação. Na minha primeira faculdade eu não vi, nem na minha segunda faculdade, e nem na pós de Educação Especial que eu fiz.” O depoimento escancara o distanciamento da formação acadêmica em relação à temática



das Altas Habilidades, evidenciando que a ausência de conteúdos específicos não é algo pontual, mas sim estrutural e histórico. Mesmo tendo buscado mais de uma graduação e pós-graduação, a participante não teve acesso a uma base sólida sobre o tema, tampouco sobre os fundamentos da neuroaprendizagem.

Por fim, C. reforça o impacto dessa lacuna com um olhar sensível às consequências para os alunos: *“Com certeza não há um preparo adequado. Falta informação. Falta preparo. E é perceptível o número de crianças, adolescentes e estudantes em sofrimento dentro da escola justamente por essa ausência de apoio, de conhecimento e de atenção por parte dos professores e tutores. Isso, para mim, é uma das feridas mais graves da educação atualmente.”* Sua fala revela não apenas a carência formativa, mas também a relação direta entre essa ausência e o sofrimento psíquico e acadêmico vivenciado pelos alunos, o que amplia a discussão para além da técnica, alcançando dimensões éticas e humanizadoras da prática educativa.

Em síntese, as respostas à segunda questão revelam que a formação de professores ainda não contempla de forma adequada os conceitos relacionados à neuroaprendizagem, tampouco os conteúdos específicos sobre Altas Habilidades. As profissionais compreendem a formação continuada como uma alternativa viável, embora limitada, frente à ausência na formação inicial. Além disso, há um consenso sobre o impacto negativo dessa lacuna na vida escolar dos alunos, reforçando a necessidade urgente de revisões curriculares e investimentos em políticas públicas de formação docente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

RATO, Joana. *Mente, cérebro e educação*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2023.

RODRIGUES, S. R. de M. C.; SALES, L. C. Necessidades formativas do professor frente à demanda de alunos da Educação Especial em classes comuns. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 30, p. e0097, 2024.